

ARTIGO 15

CARACTERÍSTICAS DOS ENFERMEIROS NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR: CONCEPÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Thamires Faria de Andrade¹, Mônica Maria de Jesus Silva¹

Objetivo: analisar as características dos enfermeiros no Atendimento Pré-Hospitalar, sua formação profissional e dificuldades no exercício da profissão. **Metodologia:** estudo descritivo-exploratório, realizado com sete enfermeiros, por meio de uma entrevista estruturada, no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de um município do Sul de Minas Gerais, Brasil. **Resultados:** os enfermeiros são egressos de faculdades privadas; possuem formação específica e encontram dificuldades no exercício profissional. **Conclusão:** a formação específica não garante a inexistência de dificuldades no exercício profissional no atendimento pré-hospitalar e estas evocam a necessidade de aperfeiçoamento, atualização constante e educação em saúde da população.

Palavras-chave: Enfermagem; Enfermagem em emergência; Serviços médicos de emergência.

CHARACTERISTICS OF NURSES IN PRE-HOSPITAL CARE: CONCEPTIONS ABOUT PROFESSIONAL TRAINING AND PROFESSIONAL PRACTICE

Objective: to analyze the characteristics of nurses working in pre-hospital care, their professional training and difficulties in the exercise of their profession. **Methodology:** a descriptive-exploratory study, was performed with seven nurses working in the Mobile Emergency Care Service of a city in the South of Minas Gerais, Brazil. **Results:** nurses are graduates of private colleges; Have specific training and encounter difficulties in their professional practice. **Conclusion:** the specific training does not guarantee the absence of difficulties in the professional practice in prehospital care and these evocate the need for improvement, constant updating and health education of the population

Descriptors: Nursing; Emergency nursing; Emergency Medical Services.

CARACTERÍSTICAS DE LOS ENFERMEROS EN LA ATENCIÓN PRE-HOSPITALAR: CONCEPCIONES SOBRE LA FORMACIÓN Y EL EJERCICIO PROFESIONAL

Objetivo: analizar las características de los enfermeros que actúan en el Servicio Pre-Hospitalario, su formación profesional y dificultades en el ejercicio de la profesión. **Metodología:** estudio descriptivo-exploratorio, realizado con siete enfermeros actuantes en el Servicio de Atención Móvil de Urgencia de un municipio del Sur de Minas Gerais, Brasil. **Resultados:** los enfermeros son egresados de colegios privados; Tienen formación específica y encuentran dificultades en el ejercicio profesional. **Conclusión:** la formación específica no garantiza la inexistencia de dificultades en el ejercicio profesional en la atención prehospitalaria y éstas evocan la necesidad de perfeccionamiento, actualización constante y educación en salud de la población.

Descriptoros: Enfermería; Enfermería en emergencia; Servicios médicos de emergencia.

¹Faculdades Integradas Asmec-SP.

Autora correspondente: Mônica Maria de Jesus Silva. E-mail: monicamjs@usp.br

INTRODUÇÃO

O atendimento pré-hospitalar (APH) caracteriza-se por toda assistência prestada fora do âmbito hospitalar, aos portadores de quadros agudos de natureza clínica, traumática ou psiquiátrica, a qual pode ser direta ou indireta, a depender dos recursos disponíveis⁽¹⁾. No Brasil, essa modalidade de atendimento se operacionaliza por meio do Serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU), que visa prestar assistência pré-hospitalar de forma rápida às necessidades do usuário em casos de urgência⁽²⁾.

A equipe que atua no SAMU é composta por coordenador do serviço; médico responsável técnico; enfermeiro responsável; médicos reguladores; médicos intervencionistas; enfermeiros assistenciais; auxiliares e técnicos de enfermagem, condutores, radio-operadores e telefonistas⁽²⁾. O enfermeiro possui como atribuição no APH, o cuidado inicial e contínuo aos pacientes que demandem alta complexidade, além da prestação de serviços operacionais e administrativo, o que requer alto nível de conhecimentos e habilidades^(3,4) e exige a busca de aperfeiçoamento para a aquisição de conhecimentos e habilidades técnicas por meio de cursos de especialização em urgência e emergência ou APH que atendam as diretrizes do Ministério da Educação e do Conselho Federal de Enfermagem.

Porém, mesmo com os cursos proporcionados, os enfermeiros que atuam em APH podem encontrar dificuldades na prática do exercício profissional. Às dificuldades associadas a lacunas na formação profissional, somam-se as particulares dessa modalidade de assistência que constantemente requer o enfrentamento do inesperado e exige conduta rápida, ações simultâneas da equipe, autocontrole, conhecimento e presteza⁽⁵⁾.

Considerando a existência de lacunas na formação dos enfermeiros ligadas às dificuldades enfrentadas pelos profissionais em relação à teoria e à prática, este estudo teve como objetivo analisar as características dos enfermeiros que atuam no APH, sua formação profissional e as dificuldades encontradas na realização do exercício profissional junto a uma equipe de enfermagem de uma unidade recém-inaugurada do SAMU.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Estudo exploratório-descritivo.

Participantes da pesquisa

Todos os sete enfermeiros que atuam na referida unidade foram participantes do estudo. O número de participantes é justificada pelo fato da unidade do SAMU ser uma modalidade

de atendimento à população nova na região e recém-inaugurada. Os critérios de inclusão foram: ser enfermeiro e atuar no SAMU de Ouro Fino, MG.

Local do estudo

Estudo realizado na unidade do SAMU da cidade de Ouro Fino, MG, Brasil. A unidade do SAMU nesta localidade foi recém-inaugurada, iniciando suas atividades no início do ano de 2015 com o objetivo de atender seis cidades da região do Sul de Minas Gerais. Localizada na Rodovia MG 290, na cidade de Ouro Fino, MG, a base integra o Consórcio Intermunicipal de Saúde da Macro Região do Sul de Minas (CISSUL) e beneficia uma população de cerca de 4 milhões de pessoas dos 153 municípios que fazem parte do Consórcio.

Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada em agosto de 2015 por meio de visitas diárias à base do SAMU. Para a coleta de dados, foi utilizado um formulário estruturado, de autoria das pesquisadoras, aplicado pelas mesmas por meio de entrevista. O instrumento apresentava 17 questões objetivas divididas na forma de um check-list em quatro eixos: caracterização socioeconômica e demográfica; formação e experiência profissional; conhecimentos e habilidades; e dificuldades na atuação profissional do enfermeiro.

O formulário foi aplicado em uma sala reservada e com segurança resguardada, visando manter a privacidade dos participantes.

Procedimentos de análise dos dados

Após a coleta dos dados, os mesmos foram compilados visando a extração dos resultados.

Procedimentos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas Asmec, sob parecer nº 1107865, de acordo com as orientações da Resolução 196/96.

RESULTADOS

Participaram do estudo sete enfermeiros com idade entre 30 e 55 anos, com predomínio da faixa etária entre 30 e 35 anos e de mulheres.

Para melhor compreensão, os dados foram evidenciados em três categorias, a saber:

Formação profissional

Quanto à formação profissional, todos os enfermeiros eram egressos de universidades privadas localizadas no Sul de Minas Gerais, Brasil.

Verificou-se que a maior parte dos participantes concluiu a graduação em enfermagem de 5 a 10 anos e possuía

especialização *latu sensu*, sendo que todos estes eram especialistas em Urgência e emergência e dois detinham também a especialização de Urgência e Emergência com ênfase em APH. Ressalta-se que entre os cinco enfermeiros que possuíam especialização em APH, quatro possuíam mais alguma especialização além de Urgência e emergência, entre as quais: Enfermagem Intensiva⁽²⁾; Saúde pública⁽¹⁾ e Enfermagem Intensiva Neonatal e Pediátrica⁽¹⁾. Vale lembrar que houve mais de uma resposta por participantes, pois um mesmo enfermeiro possuía mais de uma especialização. Evidenciou-se ainda que os dois enfermeiros que não possuíam especialização em APH, detinham, no entanto, especialização em outras áreas, como Enfermagem Médico Cirúrgica, Enfermagem do Trabalho, Acupuntura, Auditoria em Serviço de Saúde e Enfermagem Pediátrica e Neonatal. Entre estes também houve mais de uma resposta por participantes.

Além do curso de especialização *latu sensu*, todos os enfermeiros entrevistados possuíam também cursos em APH como Primeiros Socorros; Suporte Avançado de Vida em Cardiologia (ACLS); Suporte Básico de Vida (BLS); Suporte pré-hospitalar de Vida no Trauma (PHTLS); Suporte Avançado de Vida em Pediatria (PALS) e o Treinamento do Consórcio Intermunicipal de Saúde da Macro Região do Sul de Minas (CISSUL) que gere o SAMU na região do Sul de Minas Gerais e é oferecido pelo mesmo, visando ofertar preparo básico aos profissionais.

Conhecimentos e habilidades

Os conhecimentos e habilidades para atuar em APH, assim como sobre a formação profissional, foram classificadas em básico e complementar para verificar se os conteúdos teóricos e práticos assim como as habilidades adquiridas na especialização e/ou cursos em APH foram próprias ao exercício dos enfermeiros que atuam neste serviço.

Entendeu-se por básico o que é fundamental, essencial; e por complementar, o que complementa o elementar. Também foi apresentada a opção “não sei” como possibilidade de resposta.

Dentre os enfermeiros participantes do presente estudo, a maioria referiu que o conteúdo teórico da especialização e/ou cursos em APH lhes proporcionou conhecimento adequado e suficiente para sua atuação, porém todos os entrevistados o classificaram como complementar à sua formação. Quanto ao conteúdo prático da especialização e/ou cursos, todos os enfermeiros afirmaram que o mesmo foi adequado e suficiente para sua atuação na área, assim como todos também classificaram o conteúdo prático adquirido como complementar.

Atuação profissional

Referente a atuação na área de APH, o tempo de atuação variou entre 5 meses a 8 anos, sendo que a maioria atua há cinco meses na área, iniciando sua atuação com o ingresso na base do SAMU na cidade desde sua inauguração.

Neste estudo, predominaram enfermeiros que optaram pela atuação devido à afinidade pela área; gostar desta atuação e sentir confiança para atuar no atendimento pré-hospitalar, apesar de encontrarem dificuldades atuais na execução do trabalho, as quais também estiveram presentes no início da carreira em APH (TABELA 2).

A maioria dos participantes referiu ter encontrado dificuldades no começo do seu exercício profissional, entre elas, a inexperiência; conhecimento deficiente durante a graduação; falta de formação específica; falta de entrosamento da equipe; riscos relacionados à cena em que se encontram as vítimas; falha na comunicação com a Central de Regulação e vivência com o processo de morte e morrer. Atualmente, ainda enfrentam dificuldades, em seu dia-a-dia de trabalho, como a falta de reconhecimento da atuação; adequação a novas tecnologias agregadas ao serviço; falhas na comunicação com a Central de Regulação; falta de materiais que acarreta imprevisto para que possam atender as necessidades do paciente sem deixar de prestar o socorro adequado; desinformação da população sobre os serviços prestados pelo SAMU; além dos riscos relacionados à cena em que se encontram as vítimas.

De acordo com os profissionais que referiram encontrar dificuldades na atuação em APH, a sua minimização está apoiada em estudos e atualização contínuos, promovidos com educação permanente das práticas e teorias vividas no cotidiano do serviço de APH; na educação em saúde da população, no que se refere a conferir-lhe informações sobre o atendimento realizado pelo SAMU e na vivência da prática cotidiana, pois, segundo os entrevistados, a experiência e a sabedoria na área traduzem-se em menor dificuldade.

DISCUSSÃO

Os dados do presente estudo assemelham-se a outro estudo no que se refere à idade; no entanto, diferem quanto ao sexo, uma vez que no referido estudo, o qual foi realizado na Suécia, 69% eram homens⁽⁶⁾. Quanto à idade dos enfermeiros que atuam no APH, os dados demonstram a presença de uma equipe de enfermagem com um perfil relativamente jovem, indo ao encontro de que a maioria dos profissionais está na faixa etária mais produtiva de suas vidas. Referente ao sexo, prevaleceram neste estudo as mulheres. Achado que denota a forte ligação da identidade histórica da enfermagem com a predominância feminina, apesar da tendência crescente de prevalência do sexo masculino nas equipes de APH, como

apontado em recente revisão de literatura⁽⁷⁾.

Relativo à formação profissional, constatou-se que todos os enfermeiros entrevistados concluíram a graduação em Enfermagem em instituições privadas de ensino. A opção por instituições privadas pode estar relacionada à distribuição espacial de universidades públicas que oferecem o curso de enfermagem no cenário brasileiro, assim como a insuficiência de recursos para arcar com o ônus financeiro dos estudos, exigindo que o aluno opte por uma universidade que ofereça ensino no período noturno, permitindo-lhe trabalhar no período diurno, característica inerente, em sua maioria, às instituições privadas.

Como já evidenciado na literatura⁽⁸⁾, verificou-se ainda que a maioria dos profissionais entrevistados têm entre 5 e 10 anos de formação na graduação em enfermagem. O tempo de formação pode inferir em maior potencial de experiência, capaz de proporcionar ao profissional maior segurança no desempenho de suas funções, uma vez que o conhecimento é aprimorado com a experiência e treinamento contínuo⁽⁹⁾.

Quanto à especialização dos profissionais, observou-se que a maioria a possui, e ainda que todos os enfermeiros são especialistas em urgência e emergência, além de alguns possuírem especializações em outras áreas de atuação da Enfermagem. Esses achados indicam a presença de um perfil profissional de alto nível instrucional, evidenciando que os profissionais estão investindo em sua formação, buscando melhorar o atendimento no APH por meio de novos conhecimentos e titulações.

Vale ressaltar que a especialização ou curso de capacitação/habilitação na área de APH muitas vezes é um requisito para admissão no serviço, tornando sua realização uma necessidade para quem deseja atuar na área. Dos cinco enfermeiros que possuem especialização em APH, todos a concluíram nos últimos quatro anos, sendo que três concluíram especialização há um ano, demonstrando uma busca recente por conhecimentos específicos na área de atuação. Quanto aos cursos específicos que qualificam o enfermeiro para a atuação em APH, todos os enfermeiros entrevistados o possuíam, resultado também evidenciado em outro estudo, porém em menores índices⁽⁶⁾.

O serviço de urgência requer níveis elevados de conhecimentos e capacitação e os profissionais necessitam estar preparados para oferecer um cuidado que se converta em benefício do paciente⁽⁶⁾. Assim, a realização de cursos visa suprir as lacunas na formação e aprimoramento que se refletem em mudanças notadas diariamente nas atividades durante a assistência à vítima⁽¹⁰⁾.

Concernente às questões sobre formação profissional e conhecimentos e habilidades adquiridas na especialização e/ou cursos para atuar em APH, os presentes resultados

contrastam com outro estudo em que a totalidade dos enfermeiros classificou como básico ou complementar o conteúdo teórico e habilidades necessárias para a prática clínica em APH⁽¹¹⁾.

Em um contexto em que é notória a necessidade de preparo dos profissionais para a atuação, na qual a capacitação proporcionará exímio atendimento ao paciente, os conhecimentos técnico-científicos especializados são de suma importância para o desenvolvimento das habilidades e competências na execução de procedimentos no APH, uma vez que fundamentam a assistência prestada, agregam excelência à prática profissional, valorizam o desempenho e a competência técnica na área, garantindo segurança no atendimento⁽¹²⁾.

Em relação ao tempo de atuação, os achados se contrapõem ao encontrado na Suécia em que os enfermeiros possuíam de 2 a 33 anos de experiência na atuação em APH⁽⁶⁾. Esses resultados evidenciam a baixa rotatividade do serviço e da área e sugerem que os anos de permanência no serviço promovem experiência que insere qualidade ao atendimento.

Referente ao sentimento em relação a atuação em APH, estudo realizado na Inglaterra em que os profissionais relataram uma imagem sombria de suas experiências de trabalho, com alta insatisfação em relação ao salário, número de pessoal e a incidência de lesões relacionadas ao trabalho, contradiz os resultados do presente estudo no qual a totalidade dos participantes revelou gostar da atuação, estando satisfeito com ela. Sobre a confiança para atuar no APH, frente aos resultados evidenciados, pode-se inferir que este sentimento denota que o profissional se considera preparado para agir no socorro à vítima, adquirindo uma postura capaz de instaurar um ambiente propulsor de bom relacionamento entre a equipe.

Quanto às dificuldades encontradas, tanto no início da atuação como atualmente, os resultados são corroborados por estudo, no qual emergiram como dificuldades o desconhecimento da função do SAMU pela população, a falta de reconhecimento da atuação e as dificuldades no entrosamento com a equipe⁽¹³⁾.

A associação da prática profissional ao conhecimento técnico-científico foi fator referido pelos enfermeiros deste estudo como solução para minimizar as dificuldades encontradas, com destaque para a educação em saúde e a educação permanente, que remetem à importância da educação em serviço. Esse resultado é corroborado por estudo realizado na Suécia em que os enfermeiros relataram querer mais preparação e treinamento para atuar, sugerindo treinamento hospitalar, treinamento de cenário regular, palestras de especialistas no campo e estudos sobre o assunto para aumentar os conhecimentos e habilidades⁽⁴⁾.

A percepção e valorização da educação permanente como importante ferramenta de trabalho também foi apontada por enfermeiros brasileiros, que a reconhecem como salutar para o aprimoramento das práticas em saúde⁽¹⁰⁾. A atualização dos treinamentos é necessária para evitar a multiplicação de erros cometidos, assim como a Educação Permanente em Serviço, a qual se apoia na reflexão crítica sobre as rotinas de trabalho e nos profissionais em ação nos serviços de saúde, proporcionando a criação de momentos para discussão sobre o trabalho e a maior participação de todos nas responsabilidades da equipe⁽¹⁴⁾.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta, como limitação, o reduzido número de participantes, justificado pelo fato do mesmo ter sido realizado em um serviço recém-inaugurado. Assim, em busca do avanço na assistência de enfermagem no atendimento pré-hospitalar, mais estudos dessa natureza são necessários, pois apontam pontos cruciais para a compreensão da formação e exercício profissional na área, norteando novos caminhos que objetivam a qualidade da assistência.

Contribuição do estudo para a prática

Embora cursos e especializações proporcionem uma aquisição de conhecimento específico para o desempenho das atividades em serviços de APH, a atualização constante

promovida pela educação permanente é uma premissa para a atuação na área, assim como a educação em saúde da população e a experiência profissional, as quais agem como atenuantes nas dificuldades encontradas na atuação profissional.

CONCLUSÃO

Os enfermeiros que atuam no APH possuem formação específica para atuar na área, porém esta não garante a inexistência de dificuldades no desenvolvimento exercício profissional. As dificuldades encontradas pelos enfermeiros que atuam no APH evocam a necessidade de aperfeiçoamento por meio de cursos e especializações na área antes ou após o ingresso no serviço, visando a ampliação do conhecimento e consequente promoção de atendimento qualificado ao paciente.

Contribuição dos autores

Concepção e/ou desenho, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica, revisão final: Thamires Faria de Andrade e Mônica Maria de Jesus Silva.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Portaria nº 1864 GM/MS. Institui o componente pré-hospitalar móvel da Política Nacional de Atenção às Urgências, por intermédio da implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência em municípios e regiões todo o território brasileiro: SAMU-192. Brasília, DF, 2003. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2003/prt1864_29_09_2003.html. Acesso em: 15 out 2015.
2. Ministério da Saúde (BR). Portaria nº 2048 GM/MS de 5 de novembro de 2002. Dispõe sobre a regulamentação do atendimento das urgências e emergências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt2048_05_11_2002.html. Acesso em: 30 out 2015.
3. Vardell W, Ryan E, Jeffers A, Marquez-Hunt N. Emergency nursing workload and patient dependency in the ambulance bay: A prospective study. *Australas Emerg Nurs J*. [Internet]. 2016 [cited 01 oct 2017];19(4):210. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27726972>
4. Nordén C, Hult K, Engström Å. Ambulance nurses' experiences of nursing critically ill and injured children: A difficult aspect of ambulance nursing care. *Int Emerg Nurs*. [Internet]. 2014 [cited 01 oct 2017];22(2):75-80. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23711561>
5. Bezerra FN, Silva TM, Ramos V. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão Integrativa da Literatura. *Acta Paul Enferm*. [Internet]. 2012 [acesso 25 set 2017];25(Special Issue 2):151-6. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25nspe2/24.pdf>
6. Jonas Wihlborg, Gudrun Edgren, Anders Johansson, Bengt Sivberg. Reflective and collaborative skills enhances Ambulance nurses competence - A study based on qualitative analysis of professional experiences. *Internacional Emergency nursing* [Internet]. 2017 [cited 2017 jun 10];32(1):20. Available from: <http://10.1016/j.ienj.2016.06.002>.
7. Dal Pai D, Lima MADS, Abreu KP, Zucatti PB, Lautert L. Equipes e condições de trabalho nos serviços de atendimento pré-hospitalar móvel: revisão integrativa. *Rev. Eletr. Enf*. [Internet]. 2015 [acesso 02 set 2017];17(4):1-12. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i4.31522>
8. Carreno I; Velda CN; Moreschi C. Características da equipe de atendimento pré-hospitalar no interior do Rio Grande do Sul. *Rev. Min Enferm. Reme* [Internet]. 2015 [acesso 2 nov 2015];19(1):88-94. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20150008>
9. Oliveira DM, Pereira CU, Freitas ZM. Escalas para avaliação do nível de consciência em trauma cranioencefálico e sua relevância para a prática de enfermagem em neurocirurgia. *Arq Bras Neurocir*. [Internet]. 2014 [acesso 20 out 2015];33(1):22-32. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0103-5355/2014/v33n1/a4284.pdf>
10. Coelho GMP, Abib SCV, Lima KSB, Mendes RNC, Santos RAA, Barros AG. Educação permanente em saúde: experiência dos profissionais do serviço de atendimento móvel de urgência. *Enferm. em Foco* [Internet]. 2013 [acesso 29 set 2017]; 4(3,4) 161. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/540/223>
11. Gentil RC, Ramos LH, Whitaker IY. Capacitação de enfermeiros em atendimento pré-hospitalar. *Rev Latino Am. Enferm* [Internet]. 2008 [acesso 20 dez 2015];16(2):192-7. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n2/pt_04.pdf
12. Anjos MS, Oliveira SS, Rosa DOS. Perspectivas de enfermeiras no cuidado em atendimento pré-hospitalar móvel. *Revista Baiana de Enfermagem* [Internet]. 2016 [acesso 20 mai 2017];30(1):375-81. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/14442>
13. Luchtemberg MN, Pires DEP. Trabalhar no SAMU: facilidades e dificuldades para realização do trabalho dos enfermeiros em um Estado da região sul do Brasil. *Rev. Saúde Públ. Santa Cat*. [Internet]. 2017 [acesso 25 set 2017];10(1):31-45. Disponível em: <Downloads/472-1501-1-PB.pdf>
14. Bueno AA, Bernardes A. Percepção da equipe de enfermagem de um serviço de Atendimento. *Revista Baiana de Enfermagem* [Internet]. 2016 [acesso 10 jan 2017];30(1):375-81. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n1/v19n1a05.pdf>